



# TERRA DOS SEM TERRA

**Histórias de Vida**

Judite Guerra e Teresinha Guerra



© Judite Guerra e Teresinha Guerra, 2012

Design Gráfico/Editoração por Clô Barcellos / Libretos

Fotos de Judite Guerra, Teresinha Guerra e Marcelo Curia.

Ficha catalográfica elaborada por Rosalia Pomar Camargo CRB 856/10

---

G934t Terra dos Sem Terra: histórias de vida / Judite Guerra e Teresinha Guerra. -- Porto Alegre : UFRGS - IB - Centro de Ecologia, 2012. 36 p. : il.

ISBN 978-85-63843-05-0

1. Meio Ambiente 2. Bioma Pampa 3. Assentamentos Rurais  
I. Título

CDU 502

---



*terra dos sem terra* integra a tese de doutorado *Saberes Culturais e Ambientais: reinventando a vida na tessitura da educação ambiental para assentamentos rurais no bioma Pampa, sul do Brasil*<sup>(1)</sup>, resultado de uma pesquisa realizada em treze assentamentos rurais no município de Santana do Livramento no estado do Rio Grande do Sul, compondo uma comunidade de 419 famílias de agricultores. Esses agricultores narraram a história de suas vidas, contando sobre as dificuldades para permanecer vivendo da terra. Eles têm em comum a expulsão da terra, são “os sem terra”, e se inseriram na luta para conquistar um espaço social “com terra” no bioma Pampa. Suas narrativas são carregadas de emoção, de orgulho, paixão e sentimento de vitória. Revelam uma memória que ultrapassa o limite da memória pessoal, uma memória familiar e do grupo social. Em suas histórias de vida, aparecem os modos de ser e se perceber no ambiente da região da floresta. As vivências e experiências se confrontaram com a região do campo, um ambiente diferente da floresta. Os agricultores reconstroem a vida no novo lugar, no Pampa gaúcho, descobrindo as diferenças, e buscando as semelhanças com a antiga região, transformando seu jeito de ver e perceber o novo lugar onde vivem.

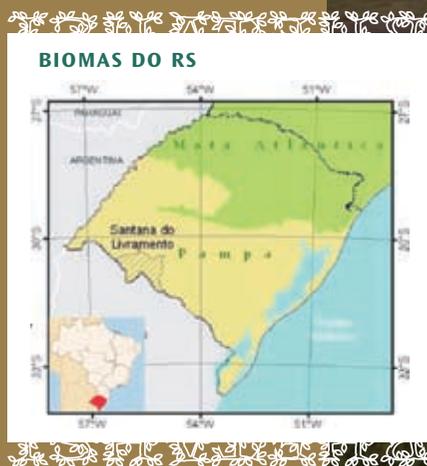
(1) Guerra, Judite. *Saberes Culturais e Ambientais: reinventando a vida na tessitura da educação ambiental para assentamentos rurais no bioma Pampa, sul do Brasil*. Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação em Ecologia/UFRGS, 2012, 236p.



Os assentamentos rurais estão localizados no município de Santana do Livramento no sudoeste do Rio Grande do Sul.



Essa área se insere no bioma Pampa e apresenta uma paisagem campestre com vegetação herbácea, arbustos e pequenas árvores.



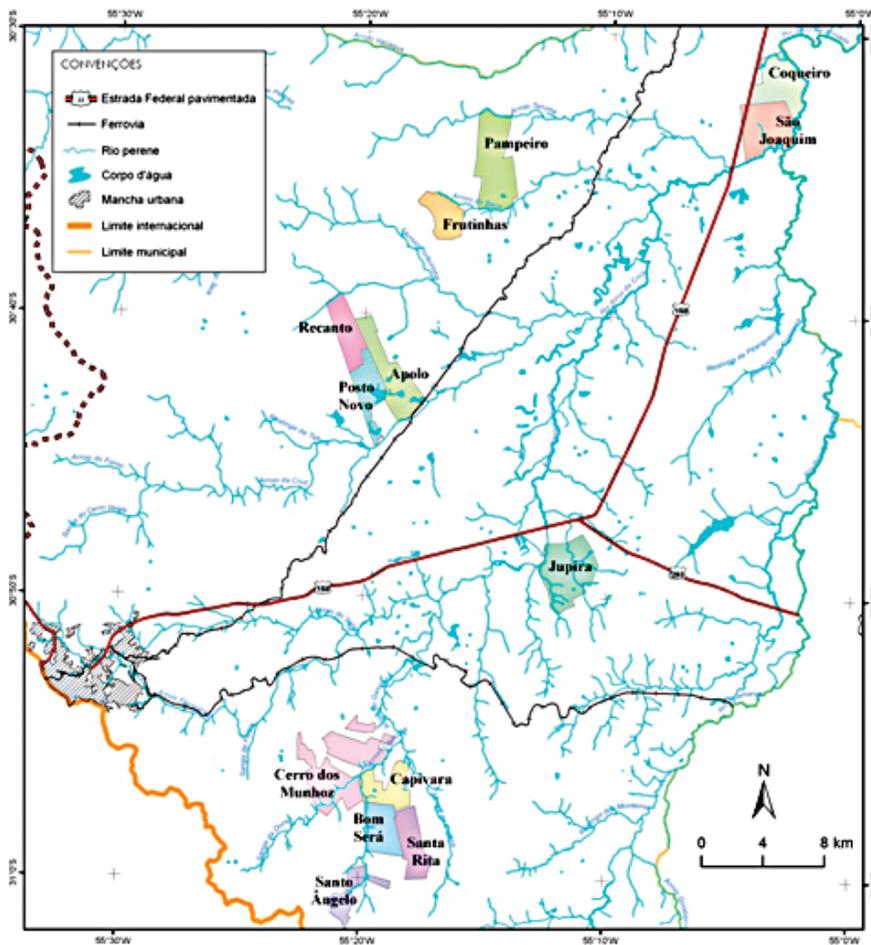
# O SONHO DA TERRA



Os assentamentos rurais estão localizados no município de Santana do Livramento, no sudoeste do Rio Grande do Sul. Essa área se insere no bioma Pampa e apresenta uma paisagem campestre com vegetação herbácea, arbustos e pequenas árvores. O desenvolvimento econômico nessa região resulta da produção de pecuária sobre o campo nativo e do cultivo de grãos, como arroz e soja. As famílias migrantes assentadas são provenientes do Planalto Médio e Alto Uruguai, território com características ecológicas de floresta do bioma Mata Atlântica, ao norte do estado do Rio Grande do Sul. São famílias excluídas do território indígena Cain-

ganguê das Reservas de Nonoai e Serrinha, de áreas de barragem e famílias de arrendatários.

Os agricultores instalaram-se em lotes de, aproximadamente, 24ha e construíram casas de madeira, que estão sendo substituídas por alvenaria. Ao redor das casas, a ornamentação é elaborada com flores e com diversidade de árvores frutíferas, como laranjeiras, pessegueiros, parreira, acácias e eucaliptos, para servir de barreira ao vento e como reserva de lenha. A horta fica próxima à casa e apresenta uma variedade de verduras e legumes, como alface, couve, moranga, aipim, entre outros, para o consumo familiar.



## LOCALIZAÇÃO DOS ASSENTAMENTOS



**Pesquisa de campo  
durou três anos...**



**... de convívio com  
as famílias assentadas.**



# TERRA DOS SEM TERRA

Histórias de Vida

No cotidiano, os agricultores seguem uma rotina de trabalho exercendo atividades agropastoris. No final da tarde, a bebida preferida é o chimarrão e, à noite, assistem às notícias e novelas na televisão. O tempo livre está associado aos finais de semana e feriados, nos quais realizam atividades como: visitar os vizinhos, jogar futebol e bocha, assistir a programas na televisão, ler, passear e pescar. As famílias correspondem a 60% de ascendência europeia: italiana, alemã, portuguesa, e os demais, 40%, são descendentes da miscigenação entre portugueses, indígenas e negros.

Um dos elementos culturais que constituem as famílias assentadas e que fundamentam a vida cotidiana é a religião. Para a continuidade de suas manifestações religiosas, no novo território, os migrantes constroem capelas e igrejas. As experiências vividas nas colônias, lugar de origem, vinculadas à

igreja são reproduzidas na organização da comunidade, na vivência da sociabilidade e do lazer. A maioria das famílias, 75,5% é católica; 20,8% correspondem a evangélicos e 3,7% não se identificam com nenhuma religião. Com frequência, acontecem festas religiosas, comemorativas do assentamento, do movimento MST e esportivas. Evidenciam aspectos culturais semelhantes no que tange à ascendência, à religiosidade e ao envolvimento com as atividades produtivas. Percebem a paisagem da região de duas formas: uma está relacionada à percepção do ambiente que passa pelos sentidos, como a tranquilidade, o bem-estar e a beleza natural. A outra está associada às relações sociais, materiais e ambientais, de forma negativa, pela distância dos centros urbanos, pelos problemas e conflitos sociais, pelo clima com secas no período de verão, vento forte e frio no inverno, pelo latifúndio e pela monocultura.



# HISTÓRIAS DE VIDA



As narrativas das trajetórias de vida estão marcadas pela maneira como interpretam e percebem os acontecimentos do passado, as perspectivas futuras, o jeito de cada um se perceber no mundo. A reconstrução das histórias de vida das famílias foi organizada a partir das experiências, vivências e emoções por eles narradas, que marcaram a construção das identidades dos agricultores. Apresentamos, a seguir, um conjunto de Histórias de Vida das Famílias e a especialização das Rotas Familiares, destacando que, nesse processo, cada um foi se constituindo através de diferentes experiências culturais, sociais e ambientais, as quais foram modificando e transformando as relações de pertencimento e de identidade.

## HISTÓRIA DE VIDA

# Família da Costa dos Santos

*“Trabalhava por dia nas granjas, arrancava feijão, capinava soja, nós ganhava por dia. Buscavam a gente lá, a gente ia, trabalhava e de tarde vinha pra casa de novo, pro barraco. Colhia pinhão nos matos para vender, colhia, fazia cuia de nós de pinhos, coisas assim.”*

**Elisete da Costa dos Santos, 2008**



### ROTA MIGRATÓRIA FAMILIAR DE ELISETE



**Elisete**

**da Costa dos Santos nasceu em 1975, em Redentor, no município de Tenente Portela, permanecendo nesse lugar até os onze anos.**

Elisete e as filhas



**Seus pais tinham dois hectares de terra na área indígena e plantavam milho e arroz.**

**Eles ficaram lá até 1985 e, após, foram acampar na Fazenda Annoni.**

**Depois de dois anos, o pai de Elisete conseguiu terras em Tupanciretã.**

**Elisete trabalhou como empregada doméstica para ajudar na renda familiar e, nessa época, já tinha o filho Alessandro (1993).**



os 23 anos, foi acampar com o objetivo de conseguir terras para ela e seu filho, mas sem intenção de se casar novamente. No acampamento Palmeirão, conheceu Alcindo (1972), que nasceu em Passo Real, que se localiza no município de Cruz Alta. A família, em 1979, havia sido transferida para Boa Vista do Inkra, por estar na área da barragem. O casal realizava o trabalho de coordenação, um pensando que o outro era casado. Quando Alcindo observou o cadastro dela, descobriu que não era casada, e, a partir de então, começaram a ficar juntos. Para Elisete, foi muito difícil abrir mão de seu lote para morar com Alcindo. Ela chorou ao assinar a desistência de sua terra, porque sua intenção era ficar no assentamento Pinheiro Machado, pois sabia que as terras de lá eram diferentes das terras na Campanha. Também tinha medo de sua relação com Alcindo não dar certo e temia pelo futuro, depois de tanta luta. Teria que recomeçar ou, então, voltar a trabalhar para outros, o que a angustiava. Foram momentos de insegurança. Em 1995, vieram para o assentamento Santo Ângelo, e tiveram três filhos: Robert (1998), Taís (2003) e Hemilly (2011).



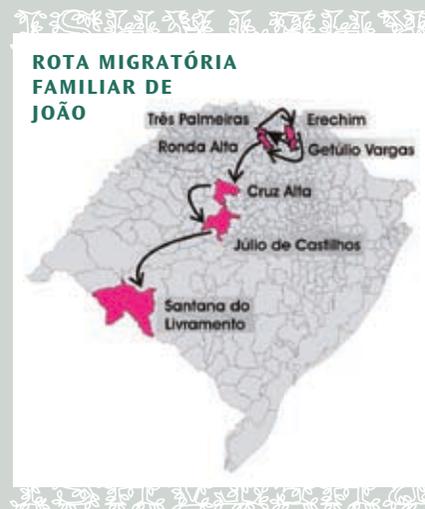
## HISTÓRIA DE VIDA

# Família Pereira da Silva

*“Achavam porque nós com vinte e cinco hectare de terra não ia produzi muita coisa e eles (nativos) acreditaram que nós não viemo pra cá, mas não lidemo com a cultura que eles lidavam.*

*Nós não era fazendero, então, gado de campo já não existia pra nós, plantá arroz também não existiu, porque nós não era lavoreiro de arroz.”*

João Pereira da Silva,  
2008



João Pereira da Silva nasceu em Getúlio Vargas, em 1964, e, quando estava com sete anos, a família mudou-se para Três Palmeiras.

João e a esposa Maria



**Ele vem de uma família de 12 irmãos (6 meninas e 6 meninos).**

**Aos 22 anos, foi para a cidade de Erechim trabalhar em uma fábrica de móveis.**

**João se denomina brasileiro, filho de português com negro.**

**Estudou até a quarta série, pois tinha que andar a cavalo para ir à escola a uma distância de 30 km, o que dificultou a continuidade dos estudos.**

**A família era associada à comunidade católica em Vila Progresso. Nessa comunidade, sempre havia festa, baile e jogo de bola.**



João conheceu Maria, sua esposa, na cidade, quando ela cuidava dos filhos da sua irmã. No entanto, começaram a namorar depois que foi trabalhar como diarista na casa do seu irmão. Ela é natural de Cascavel, Paraná, e veio com sua família para Erechim quando tinha apenas dois anos de idade. João e Maria já estavam morando juntos, quando resolveram trabalhar nas terras do irmão dele, depois de seis anos (1986) na cidade. Nesse período, João foi indicado para a direção estadual do Movimento Sem Terra por conhecidos assentados de Trindade do Sul, a fim de que lá realizasse um trabalho de base. Essa tarefa consistia em mobilizar pessoas para entrar no movimento. Ao visitar outros assentamentos na região de Ronda Alta, foi incentivado a acampar para conquistar sua terra. Como a produção nas terras do irmão não condizia com o esperado e enfrentavam as dificuldades de cultivo, resolveram retornar para a cidade. Em vista de as pessoas que participavam do movimento insistirem para ele atuar mais ativamente no acampamento, resolveu que valia a pena tentar. Quando João foi acampar, seu filho mais velho, Giovanni, tinha um mês de idade (1994). Maria se juntou ao acampamento depois de oito meses e, com João, teve mais três filhos: Giane (1995), Giovanna (2000) e Gianquiel (2003). Depois de passar pelos acampamentos de Cruz Alta e Júlio de Castilhos, no período de um ano e oito meses, foi sorteado para o assentamento Coqueiro.



## HISTÓRIA DE VIDA

# Família Sgarbi

*“A coisa mais estranha pra mim aqui, porque tu olhava em volta não enxergava nada, era só capinzão, é só capim. Agora hoje, se tu chega aqui, tá cheio de árvores, agora é totalmente diferente.”*

Atílio Sgarbi,  
2008

### ROTA MIGRATÓRIA FAMILIAR DE ATÍLIO



**Sgarbi é filho de agricultores descendentes de italianos, nasceu no interior de Marau em 1951, uma cidade agrícola pertencente ao município de Passo Fundo/RS.**

Atílio com a esposa Bernadete, o filho e a nora



**Foi para o município de Entre Rios para ajudar o cunhado e lá conheceu Bernadete (nasceu em 1958) em uma festa-baile da igreja católica.**

**Eles se casaram em 1978 e tiveram 3 filhos (Leandro, Adrielle e Adriano).**

**Adquiriram sete hectares de terra na localidade de Linha Barca, próximo à barragem do rio Passo Fundo.**



Quando chovia muito, as comportas da barragem eram abertas, alagando a propriedade a ponto de invadir a casa, o que causou a necessidade de removê-la para outro lugar. Cansados de perder a produção pelo alagamento, com os filhos crescendo e a propriedade pequena, Atílio decidiu que era preciso buscar mais terras e a forma encontrada foi acampar. O primeiro acampamento foi no Trevo de Panambi, por dois dias. Depois, foi para o município de Cruz Alta, acampando quarenta dias. Ao visitar a família, pensava em não voltar mais para o acampamento, mas, como tinha a promessa de conseguir terras, prosseguiu. Passaram-se oito meses, e nada de terra. Por esse motivo, para chamar a atenção das autoridades, o grupo de acampados invadiu a Fazenda Boqueirão e, com isso, as atenções se voltaram para eles, principalmente os meios de comunicação (televisão, jornal e rádio). Em seguida, os acampados conseguiram terras para o assentamento no município de Júlio de Castilhos. Atílio, juntamente com outras famílias, foi para o acampamento Alvorada, em Júlio de Castilhos, permanecendo ali por mais um ano. Foi sorteado para o assentamento Bom Será no município de Santana do Livramento. Aceitou, a fim de encerrar este período de acampado. O seu sonho não foi realizado plenamente porque não conseguiu terras próximas a sua região.



## HISTÓRIA DE VIDA

### Família Souza

*“Eles nos chamam de colono. Pra mim não tem problema nenhum, eu não me sinto inferiorizado por causa disso, eu acho que não é feio ser colono, mas eles falam de uma maneira pejorativa. Qualquer coisa, como um cavalo mal atrelado, é colono. Daí é uma questão de crédito, eu não sofro muito, pois graças a Deus, eu tenho boas referências de onde eu vim. Mas quando fala que mora em assentamento, já muda a fisionomia das pessoas. Até por parte de autoridades, se aborda a gente pra pedir documento. Daí se é assentado eles procuram averiguar com mais detalhes.”*

**Alcindo Souza,**  
2008



**Alcindo Souza nasceu em 1968, em Miraguai, no município de Tenente Portela.**

Alcindo na formação de educação ambiental em 2010



**Na década de 70, seus pais deixaram a propriedade em Miraguaí e migraram para o Paraná, pois havia incentivo do governo com doação de terras.**

**Quando tinha 16 anos (1980), sua família, com novo incentivo governamental do estado do Pará, com a doação de 100 hectares, migrou novamente.**

**Em Belém do Pará, trabalharam com serraria na retirada das florestas, com pecuária e comércio.**



Alcindo casou-se com uma maranhense e, com esta, teve a filha Aline (1990). Em 1992, com a perda de um tio com quem trabalhava no Pará, eles resolveram retornar ao Rio Grande do Sul. Em Miraguaí, se instalaram nas terras que haviam deixado. A família tem comércio em sociedade; mesmo assim, Alcindo tinha terras e as cultivava. O pai seguiu a carreira política e os filhos ficaram administrando uma casa de comércio com variedade de materiais (açúcar, roupas etc.). Alcindo ficou somente seis meses no acampamento e, em 2006, ocupou o lote, juntamente com seu irmão, no assentamento Pampeiro. Esse lote era ocupado por Luiz e Enilse, que não quiseram mais permanecer no assentamento, em vista das dificuldades de acesso. A esposa só viria para o assentamento no ano seguinte, quando finalizaria a faculdade de Ciências Biológicas. Atualmente (2008), trabalha como professora em Miraguaí. Eles têm mais dois filhos: Mateus (1996) e Andrei Guilherme (2004). Tanto Aline quanto Mateus vão permanecer morando com os avós em Miraguaí, para continuarem os estudos, pois, no assentamento, não há condições para isso. Ele é Adventista do Sétimo Dia e participa das festividades da comunidade, mas sem ferir os princípios da sua religiosidade, como não beber nada alcoólico e nem se envolver em brigas. Nas horas vagas, aproveita para ler os livros religiosos e a Bíblia. Estava lendo *Uma Lição da América Latina*.



## HISTÓRIA DE VIDA

# Família Antunes de Oliveira

“Chegamos em Livramento e tudo era contra. O prefeito da época, em 91, até apoiou uma carreatá contra os assentados, porque o nosso assentamento foi o primeiro assentamento a chegar no Livramento.”

Ildo R.A.Oliveira,  
2008

Ildo Roque Antunes de Oliveira participava do Sindicato dos Trabalhadores Rurais e do Partido dos Trabalhadores desde 1986. Com a idade de 20 anos, tinha o sonho de conquistar a sua terra. Em 1989, foi acampar em Palmeira e, depois, foi para Cruz Alta e Bagé. Ficou acampado um ano e nove meses. Em 1991, foi sorteado para o assentamento Cerro dos Munhoz. Nessa mesma época, foi designado pelo movimento para realizar curso no município de Dom Pedrito. Em 1995, tornou-se responsável por um minimercado na cidade, um espaço para revender os produtos dos assentados.

### ROTA MIGRATÓRIA FAMILIAR DE ILDO



do Roque

**Antunes de Oliveira é natural de Palmeira das Missões. Ildo conheceu sua esposa Alci quando ela estava hospedada em sua casa durante uma semana, após uma chuva intensa que não permitira acesso ao assentamento de seus pais.**



**Em 2001, Ildo e Alci foram morar juntos no assentamento Santa Rita.**

**Em 2003, ele entregou o seu lote no Cerro dos Munhoz.**

**O casal participava ativamente das representações regionais e estaduais pelo movimento (MST) no assentamento.**

**Em julho de 2008, se retiraram das representações no assentamento para se dedicar mais ao cultivo e à organização do lote.**



Ildo, esposa Alci e filhos



## HISTÓRIA DE VIDA

### Família Dambros

*“Tem o meu tio que já é assentado aqui há mais tempo, né, ele já tinha ido acampar. Aí eu conversando com ele um dia, pensei, pra quem tá quebrado sem um pila no bolso, melhor é ir pra o acampamento, aí eu conversei com o pai, aí nós decidimos ir.”*

**Éder Dambros,**  
2008



 **família**  
**de Éder**  
**Dambros é**  
**natural do**  
**município de**  
**Mata, que**  
**pertence à**  
**região de**  
**Santa Maria.**

Pai e filho  
parceiros no  
cuidado com  
a terra

**Resolveram migrar para Santana do Livramento a fim de trabalhar com plantação de arroz em terras arrendadas.**

**A mãe de Éder estava grávida dele quando se mudaram.**

**Ele nasceu em Santana do Livramento, em 1985.**

**Após terminar o segundo ano do 2º grau, foi fazer um curso de mecânica no SENAI.**

**Permaneceu até os dezessete anos junto a sua família**



Com a perda do tio que ajudava na plantação, e sem um emprego na cidade, Éder foi ajudar seu pai na lavoura de arroz. Estavam enfrentando problemas com a rentabilidade da produção de arroz, em função dos períodos de seca e de chuva intensa. Não reverteram a situação e perderam os bens. Éder e seu pai, Eloi, nessa ocasião, decidiram acampar, já que estavam sem terra e sem dinheiro. O primeiro acampamento em que estiveram foi o assentamento Torrão. Depois deste, foram para o acampamento no município de São Gabriel, período de grandes conflitos com os fazendeiros, que não aceitavam os sem terra. No acampamento, Éder participava de estudos de formação política e fazia parte da equipe de Educação. A maior aprendizagem, nesse local e nesse tempo, foi expor suas ideias e defendê-las em grande grupo. Deixou de ser introvertido e aprendeu a trabalhar com o público. Após um ano de acampamento, foi designado para o assentamento São Leopoldo, também chamado de Jupira. Este assentamento já existia desde 1997, porém Éder está assentado ali desde 2008.



## HISTÓRIA DE VIDA

### Família da Silva

*“Pra gente que mora longe, qualquer coisa é esses remédios ai, procura aqui e a primeira coisa que precisa vai pra horta. A tansagem também é muito bom, qualquer coisa que se tem e não se acha bom, toma tansagem.”*

Olavo da Silva,  
2008



família de Olavo é descendente de índio, português e negro. Foi presidente da Associação de Pais por quatro anos e sua esposa Vera assumiu a presidência por mais quatro anos. Ela também foi educadora leiga de alfabetização de Educação de Jovens e Adultos. Com o passar do tempo, e os filhos crescendo, precisavam de mais terra para aumentar a produção. A forma encontrada foi se juntar ao movimento dos acampados. Assim, foram para a Fazenda Annoni e, depois de um certo tempo, conseguiram terras em Bagé. Porém, ali não permaneceram porque havia pouca água na propriedade. Abandonaram o lote e foram trabalhar nas terras de um irmão de Olavo, onde permaneceram por cinco anos. Motivados a conseguir terra, foram acampar novamente. Passaram pelos acampamentos de Frederico, Palmeira e Júlio de Castilhos; neste último, foram sorteados para o assentamento Recanto.



**Olavo da  
Silva nasceu  
em 1941  
em Vicente  
Dutra,  
município de  
Iraí.**



**Ele sempre  
trabalhou na  
terra de seu pai.**

**Sua esposa,  
Vera, é natural  
de Candelária  
e, certa ocasião,  
mudou-se para  
Vicente Dutra.**

**Eles participavam  
das festas na  
comunidade e  
foi assim que se  
conheceram.**

**Casaram-se e  
foram morar nas  
terras do pai de  
Olavo**

**Olavo e sua  
esposa eram  
participativos  
na comunidade,  
mais  
precisamente,  
na associação da  
igreja católica e  
no colégio.**



Olavo, esposa Vera e neta



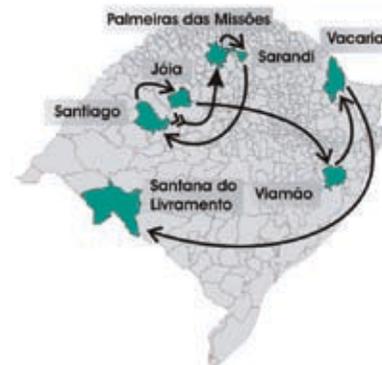
## HISTÓRIA DE VIDA

# Família Dias

*“Então, se botava fogo no campo e isso e aquilo. Então hoje, já o pessoal não tá mais fazendo isso, né? E até a terra mesmo, queira ou não queira, o povo liquida com a terra, né? Então, nós mesmo.”*

Jairo Dias,  
2008

### ROTA MIGRATÓRIA FAMILIAR DE JAIRO



Jairo Dias é filho de agricultores e descendente de italiano com bugre (mistura de índio com português), nascido em 1979. É natural de Capão de Cipó, que pertence ao município de Santiago.



Jairo, esposa  
Fátima e filha



**Seus pais migraram para Palmeira das Missões e, como a família era grande (11 irmãos), sem terra para produzir, decidiu acampar na Fazenda Annoni.**

**No começo, só foram à fazenda seu pai e ele.**

**Depois de cinco meses, a mãe e os irmãos vieram se juntar a eles no acampamento da Fazenda Annoni, onde a família permaneceu por sete anos.**



família de Jairo cultivava um pequeno pedaço de terra e trabalhava para granjas próximas à Fazenda Annoni. A família foi sorteada com terras em um assentamento em Santiago. Após seis anos, Jairo e sua namorada, Fátima da Rocha, foram acampar para conseguir suas próprias terras. Fátima, nascida em 1978, é de uma família que passou pelo processo migratório de acampamento. Os dois se dirigiram para o acampamento em Joia, juntando-se a mil e quinhentas famílias. Depois, foram para Viamão, onde permaneceram oito meses acampados. Nesse período, realizaram trabalho temporário em Vacaria. Após nove meses de acampamento, foram sorteados para o assentamento Capivara, no ano de 1999. Naquele mesmo ano, nasceu a primeira filha, Vanessa e, em 2006, a segunda, Natasha. Ele ainda sonha em poder retornar, um dia, para terras mais próximas da sua região, ao contrário de sua esposa Fátima, que está adaptada às diferenças regionais, e não tem intenção de migrar novamente. Ele entende que sua região anterior se desenvolveu muito e que poderia conseguir um emprego na cidade, para ganhar mais, visto que conhecidos estão muito bem financeiramente, realizando uma atividade urbana.



## HISTÓRIA DE VIDA

# Família Rocha

*“Daí nós, graças a Deus, nós fomo bem, não morreu ninguém na ocupação, ninguém se feriu, voltemo pro acampamento, fizemo outra ocupação de novo, daí nós ganhemo a terra, daí nós ganhemo essa aqui.”*

**Júlio Rocha,**  
2008

### ROTA MIGRATÓRIA FAMILIAR DE JÚLIO



**Júlio Rocha**  
nasceu em 1958,  
no município de  
**Rodeio Bonito**. Sua  
família migrou para  
a localidade da **Linha  
Polita** no município  
de **Constantina**,  
comunidade próxima  
à área indígena da  
**Serrinha**, onde ocorreu  
conflito indígena na  
década de 40.



Ensaio para  
apresentação na  
comunidade

**Ele é descendente de brasileiro (português com negro e índio).**

**Sua mãe teve quatorze filhos, dos quais somente sete sobreviveram, entre eles, dois meninos e cinco meninas.**

**Julio conheceu sua esposa no enterro do pai dela.**

**Nair Frederichi (1954) é natural de Erechim.**

**A família de Nair mudou-se para Linha Polita; ela trabalhava como empregada doméstica em Santa Maria.**



Júlio, a princípio, queria namorar a irmã de Nair, mas ela não demonstrara interesse. Ficou sabendo que Nair não tinha namorado e, ao encontrá-la em uma festa da comunidade, começaram a namorar. Nair precisava voltar a trabalhar fora, e ele, para não deixá-la partir, propôs casamento. Júlio se emociona ao relatar que Nair aceitou seu pedido e diz que agradece a Deus por estar vivendo até hoje com sua esposa. Apesar de todas as dificuldades que viveram juntos, passando, muitas vezes, fome, tudo valeu a pena, já que ela é sua companheira. A filha, Rosicler, nasceu em 1978. Eles cultivavam em terras indígenas e tiveram que sair desse local. Trabalhavam como agregados, quando seus cunhados os convenceram de que seria melhor acampar. Assim, em 1995, Júlio foi sozinho para o acampamento situado no trevo de Panambi. Sua esposa e a filha, depois de cinco meses, juntaram-se a ele. Já em Cruz Alta, ao lado de duas mil e quatrocentas famílias, dirigiram-se para Boqueirão (Ponte Queimada), onde ocorreu um grande conflito com os policiais. Estes bateram e atiraram nas pessoas, inclusive Nair foi atingida por um estilhaço de bala na mão, causando leve ferimento. Após o conflito, os acampados retornaram para Cruz Alta. Como a tentativa de invasão em Boqueirão foi violenta, muitas famílias ficaram assustadas e desistiram de acampar. O acampamento foi para Júlio de Castilhos, com um total de mil e seiscentas famílias. Foram sorteados para o assentamento Nova Santa Rita, denominado também de São Joaquim.



## HISTÓRIA DE VIDA

# Família Silva Matias

*“Pior foi quando nós chegemo, não tinha nada, nós pra saí pra cidade não tinha ônibus não tinha nada, difícil, foi difícil eu até queria volta de um mês pro outro, é, foi difícil quando nós chegemo aqui.”*

Leni Silva  
Matias,  
2008



### ROTA MIGRATÓRIA FAMILIAR DE LENI



**Leni Silva  
Matias nasceu  
em Boa  
Esperança, no  
município de  
Vicente Dutra.  
Ela vivia com  
seus pais e  
cinco irmãos.**

Leni e filha

**A escola era longe, e seu pai, constantemente, impedia os filhos de estudar e, por isso, conseguiu finalizar a segunda série somente aos 12 anos.**

**Ela é descendente de alemães e de bugre (índio com portugueses).**

**Leni conheceu o marido porque ele foi trabalhar junto com seu pai e seus irmãos em Mato Grosso.**

**Depois de dois anos de trabalho naquele Estado, retornaram, quando Leni e João começaram a namorar.**

os 20 anos, Leni casou-se e foi morar no mesmo terreno da mãe de João. Trabalharam um tempo nas terras que sua mãe administra para um vizinho morador da cidade. Depois de dois anos, Leni e o esposo foram trabalhar nas terras do pai dela. Com o nascimento das filhas, resolveram mudar-se para a cidade de Novo Hamburgo, a fim de que João trabalhasse em uma fábrica de couro. Depois de três anos nessa cidade, chegada a época de as meninas frequentarem a escola, e dada a iminente doença causada pela química do couro a acometer João, retornaram para as terras do pai de Leni. Foram acampar para conseguir terras e passaram pelos acampamentos de Frederico, Palmeira, Júlio de Castilhos e Santo Antônio. O fato de mudar de acampamento possibilitou que ela perdesse o medo de viajar sozinha. Antes, não viajava sozinha nem por 6 km, distância a que fica a cidade vizinha onde morava. Agora, diz que poderia viajar o mundo todo, pois não tem mais medo do desconhecido. Para ela, o acampamento foi uma verdadeira escola. Sorteado o lote, em 1998, a família mudou-se para o assentamento Posto Novo. O esposo ainda não se acostumou com as diferenças da região e seu sonho é, um dia, retornar à região de origem. Leni se adaptou e gosta da vida no assentamento.



## HISTÓRIA DE VIDA

# Família Cupsinki

*“A gente se criou nos campos, comendo fruta, a gente não comia muita coisa comprada, vamos dizer né. A gente ganhava uma chinela havaianas, era a maior felicidade, porque a gente não chegava a ter um tênis, a ter um sapato.”*

**Marilene  
Cupsinkî,  
2008**



### ROTA MIGRATÓRIA FAMILIAR DE MARILENE



**M**arilene  
Cupsinki é neta  
de russos por  
parte materna.  
Seu avô fugiu  
da Rússia por  
causa da guerra,  
se instalando  
no município  
de Frederico  
Westphalen, no  
Rio Grande do  
Sul.

**Seu pai,  
descendente  
de italianos,  
conheceu sua  
mãe, casaram-  
se e, no final da  
década de 60, a  
família mudou-se  
para o Paraná.**

**O pai de Marilene  
trabalhava como  
educador leigo,  
na década de 70,  
com o método  
de Paulo Freire  
na Educação de  
Jovens e Adultos.**

**Ela nasceu em  
1976, no Paraná,  
e viveu nesse  
estado até os  
cinco anos de  
idade.**

**A família voltou  
para o Rio  
Grande do Sul,  
onde foram  
morar com os  
avós, porque  
não tinham onde  
ficar.**



Seu pai comprou nove hectares de terra em Iraí, região que, atualmente, se localiza no município de Ametista do Sul, permanecendo ali por dez anos. Quando finalizou a quarta série, com dez anos de idade, não tinha mais onde estudar e, por isso, foi morar com os tios na cidade de Palmitinho, para continuar os estudos. Seu pai sempre estivera envolvido com o Sindicato dos Trabalhadores Rurais e com partido de esquerda. Por viver em uma situação precária em nove hectares de terra, o pai de Marilene foi acampar. Passava as férias escolares no acampamento junto com a família. Ali, ela participava das brincadeiras com as crianças, ajudava a lavar a roupa e buscava água. Participou da ocupação da Fazenda Santa Fé, juntamente com cinco mil pessoas. Seu pai trabalhava como monitor de alfabetização no acampamento em Bagé e, na formatura dos monitores, Paulo Freire esteve presente. A família foi sorteada para o Cerro dos Munhoz. Marilene retornou para o assentamento quando finalizou o Ensino Fundamental. Conheceu Itacir Martinele (nascido em 1968), que já era do assentamento e, em 1995, nasceu o filho Jefferson Martinele. É formada em Pedagogia e trabalha na Cooperativa de Prestação de Serviços Técnicos Ltda (COPTec).



## HISTÓRIA DE VIDA

# Família Seffrin

*“Tinha uns matinhos aí, tem árvore que eu nem sei o nome. Da minha região, eu sei uma por uma. Corticeira, pezinho de guabiruba, canela, pinus não sei se é da boa. Eu não sei muito os nomes, nessa região. A árvore que tu me mostrar eu conheço, porque lá é tudo árvore de lei.”*

Telmo Seffrin,  
2008



ra um grupo de origem alemã e, tradicionalmente, realizavam a festividade do Kerb. Na família de Telmo, tinham o costume de festejar os finais de semana um dia em cada casa de parentes. Sua esposa, Rosane (nascida em 1974), é da mesma comunidade e tem origem indígena e portuguesa. Ele acampou sozinho; a esposa não queria que ele saísse de casa porque o filho Maurício era recém-nascido (1995). Os acampamentos por onde passou foram Palmeirão, Santo Antônio e Júlio de Castilhos. Após um ano e nove meses, foi sorteado para o assentamento Frutinhas. Chegou ao assentamento em 1997 e ali tiveram mais dois filhos: João Luís (2001) e Fabricio (2003).

### ROTA MIGRATÓRIA FAMILIAR DE TELMO



Ele foi criado em uma família com 12 irmãos.

Ao lembrar daquele tempo, assinala que o trabalho na terra era muito pesado.

Relata que saía cedo de casa para ir ao colégio a pé e só retornava às 13h30min, cansado da caminhada e com muita fome.

À tarde, levava merenda e água para seu pai, na roça, onde o ajudava na limpeza da terra.

Relembra as festas que ocorriam na comunidade e sente saudade, já que, onde moram atualmente, são raros os momentos de confraternização comunitária.





**elmo Seffrin nasceu em 1970, em Caibaté, também chamada Colônia Brasileira, pertencente a Palmeira das Missões, próxima a São Miguel.**

Telmo, esposa Rosane e filhos



## HISTÓRIA DE VIDA

# Família Mota

*“É desumano  
levar a  
família pro  
acampamento,  
é desumano,  
principalmente  
os filhos,  
é muito  
desumano,  
é cruel, é o  
pai ser muito  
cruel levar as  
criança pro  
acampamento,  
tá loco, se passa  
trabalho.”*

**Claudair Mota,  
2008**

Mota e família



### ROTA MIGRATÓRIA FAMILIAR DE MOTA



**laudair**

**Mota nasceu em 1960 no estado do Paraná, na cidade de Jacarezinho. Quando ainda era bebê, foi entregue para o colégio interno agrícola na cidade de Castro/PR.**

**Conheceu somente um dos avôs, que o visitou poucas vezes e contou que seu bisavô pertencera ao Partido Comunista e foi exilado no Paraguai.**

**Seu avô parou de visitá-lo, então presumiu que havia falecido, pois era velhinho.**

**O seu avô foi o único parente que conheceu e nunca soube ao certo o motivo de ter parado num colégio interno.**

**Aos sete anos, foi adotado por uma família de Curitiba e aos nove anos fugiu de casa e foi trabalhar de boia-fria na colheita de cana-de-açúcar e na plantação de abacaxi.**

**Morava numa barraca de lona coberta com folhas de palmeira.**



Com treze anos, foi para o circo e lá era responsável pelos animais. Aprendeu a fazer número com elefantes no picadeiro. O circo veio para Santana do Livramento e estava na época de se alistar. Entrou para o exército e permaneceu no Sétimo Regimento de Cavalaria Mecanizado por seis anos. Casou-se, teve uma filha e um filho. Trabalhou quatro anos na multinacional Swift Arm, que produzia conserva de carne. Quando a empresa fechou, ficou desempregado. Passou a fazer changa (consertos), trabalhou numa veterinária e também com sonorização em festas e eventos religiosos. Encontrou o deputado federal Adão Pretto na cidade de Santana, e ele explicou o que era o Movimento Sem Terra, o porquê da luta da terra. Ficou convencido de que deveria acampar por um tempo. Foi para o acampamento na cidade de Encruzilhada do Sul, trabalhava na área da saúde e depois foi para comunicação na rádio comunitária do acampamento. Saíram de Encruzilhada do Sul e foram para Pantano Grande no acampamento Bom Jesus. Entre os dois assentamentos ficou acampado por um ano e oito meses. O INCRA foi até o acampamento procurando famílias que fossem da região da Campanha para o assentamento Apolo e Recanto porque tinha dezessete lotes vagos. O INCRA definiu que Mota receberia lote no assentamento Apolo, onde havia assentados fazia seis anos. Como a esposa não quis morar no assentamento, eles se separaram. Atualmente está morando com Rosane Pereira.



# TERRA CONQUISTADA



As histórias de vida dos agricultores mostraram que as lembranças que foram sendo narradas tiveram relação estreita com a memória individual e do grupo social, relacionando as vivências à organização da comunidade, do seu fazer agrícola e da relação com a natureza. Os agricultores buscaram, de alguma forma, se constituir na nova região, a partir das marcas que trouxeram da região de origem, nas relações sociais afetivas e culturais, na forma

de gestão do lote e na organização da comunidade.

Quando os agricultores chegaram ao assentamento, traziam consigo os saberes e conhecimentos sobre as atividades agrícolas, que foram construídos anteriormente na relação com a agricultura da região da floresta e, com o passar dos anos, observam que a realidade era diferente, principalmente o calendário agrícola, o solo e o tipo de cultivo apropriado para essa região.





Acreditavam que sabiam lidar com a terra e que os conhecimentos tradicionais seriam válidos para toda e qualquer região. Aos poucos, descobrem que precisavam interagir com os agricultores da Campanha, a fim de aprender com eles as especificidades da região.

As histórias de vida dos agricultores são importantes fontes para compreender a construção do pertencimento e das identidades na região do Pampa gaúcho. É rele-

vante para a realização de trabalhos junto a comunidades de assentamentos e na organização de Educação Ambiental, atividades com revisita ao passado, a fim de entender as construções feitas pelos agricultores, seus saberes, conhecimentos e a cultura, como instrumento de reflexão acerca do presente, que pode contribuir de maneira significativa na elaboração de proposições e ações para a sustentabilidade e preservação dos assentamentos rurais.



